

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP

CMUHE030704

Uma luta mais ampla para a mulher

CAMPINAS (Sucursal) — A partir de ontem à tarde, numa das salas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, um grupo de estudantes, sociólogos, antropólogos, artistas e jornalistas, iniciou uma série de debates em torno da participação da mulher na sociedade brasileira. A promoção, intitulada "Semana da Mulher", é do Centro Acadêmico de Ciências Humanas (Cach) da Unicamp e vai até quinta-feira. Até lá, os participantes certamente terão reforçado a proposta evidenciada já no primeiro dia, de unir os chamados grupos minoritários da sociedade em torno de uma luta geral, mais ampla, de transformação da sociedade brasileira.

Foi com essa justificativa que um representante do jornal "Lampião" — da imprensa alternativa e que trata, prioritariamente, do homossexual — explicou a sua participação nos debates de ontem, inicialmente previstos para a abordagem de problemas do sexo feminino.

A socióloga Antonina Silveira iniciou as discussões em torno do tema "Dupla Jornada de Trabalho", expondo situações concretas de exploração da mão-de-obra feminina que compõem um trabalho que está sendo elaborado por ela e uma outra cientista social. Basicamente abordam o trabalho domiciliar da mulher, diferente do da doméstica, feito por encomenda de fábricas em suas próprias casas e que por isso isentam os patrões de qualquer obrigação.

Antonina relata que um desses trabalhos é o de cortar as rebarbas do esparadrapo da Johnson, encomendado a donas de casa que querem ganhar algum dinheiro extra; outro é o das chamadas oficinas de costura, roupas feitas por costureiras em suas próprias casas, o que a socióloga classifica de "a forma que o capitalismo encontrou para se reproduzir na periferia". Nas fábricas essas mulheres são relacionadas como "prestadoras de serviço" e não têm nenhuma segurança como trabalhadoras. "Além disso", ressalta Antonina, "trabalhando muitas vezes cerca de 15 horas por dia, a mulher prefere esse trabalho ao das fábricas, pois conseguem ganhar um pouco mais que o salário-mínimo pago na fábrica".

Para ela, na discussão da dupla jornada deve ser considerado principalmente esse trabalho domiciliar, ao invés de ver apenas a mulher operária como vítima dessa jornada dupla, porque trabalha na indústria e ainda cuida da casa e dos filhos.

"Essa mulher que leva trabalho para casa é a

mais explorada, de acordo com a conclusão a que chegamos na pesquisa, pois além de tudo ela não tem como se organizar para reivindicar seus direitos".

Irma Passone, professora de uma escola de bairro periférico em São Paulo contou, no primeiro dia dos debates sobre a mulher, a experiência de uma organização de mulheres nos bairros periféricos da Capital.

"A partir de necessidades específicas, diz ela, chegamos à percepção de como se faz política, pois as nossas reivindicações, depois de aprovadas nas reuniões periódicas que fazemos, são levadas às autoridades".

De acordo com ela, essa prática levou a uma conclusão: "governo é governo e povo é outra coisa: o governo não nos recebe e está preocupado com as multinacionais. Em nossa luta, deu para perceber o que é o sistema e porque a gente vive desse jeito. Chegamos também a uma conclusão importante: que homens e mulheres, juntos, devem assumir a luta para mudar o sistema que está aí. Minha proposta de saída para as discussões desta semana é esta: definir atividades em que homem e mulher se organizem juntos".

Ainda na tarde de ontem foram abordados problemas da mulher enquanto movimento feminista que tenta fazer um jornal — caso do grupo que dirige o jornal "Nós, mulheres", representado nos debates da Unicamp — além de uma reivindicação muito antiga das funcionárias da Universidade Estadual de Campinas levada aos participantes: a criação de uma creche para seus filhos, prometida desde 1965, quando a Unicamp começou a ser implantada, e que não existe até agora.

A representante do "Nós, Mulheres" explicou que o grupo enfrentou dificuldades na época de sua criação — em 1976 — pois "enquanto movimento feminista encontramos um grande preconceito. A partir daí fomos nos definindo, quase como uma resposta às críticas feitas, como um grupo minoritário mais vinculado a um projeto de transformação mais geral da sociedade brasileira".

— Nosso jornal aborda sobretudo os problemas da mulher trabalhadora, porque achamos que essa é duplamente explorada: ela é oprimida enquanto mulher e explorada enquanto classe. Nossas reflexões sobre o tema nos levaram a um questionamento atual: como se redefine o movimento feminista hoje? É essa perspectiva que apresento à discussão de vocês hoje.